

IGNORÂNCIA: PARADOXOS DE UMA PAIXÃO

No texto “Tratado sobre as Paixões da Alma” René Descartes define as paixões da alma como “percepções, sentimentos ou emoções da alma, que se referem particularmente a ela, e que são motivados, mantidos e amplificados por algum movimento do espírito.”

O tema recebeu diferentes tratamentos na cultura ocidental também por Santo Agostinho, Hume e Pascal. No espírito budista, são consideradas as paixões do pensamento: amor, ódio e ignorância devido à sua filiação ao espírito do ser.

No início do Seminário 1, Lacan aborda o assunto na aula do dia 30 de junho. A partir de 1954, é ali que estabelece um esquema de referência para as articulações entre as diferentes paixões que se articulam em relação ao Ser, o que Descartes chamou “As paixões da Alma”.

Entre as categorias definidas para aquele momento como um ternário entre o simbólico, o imaginário e o real (SIR) estabelece as seguintes coordenadas: “Na união entre o simbólico e o imaginário, essa ruptura, essa borda que se chama amor, no a união entre o imaginário e o real é o ódio, na união entre o real e o simbólico é a ignorância.”

No desenrolar dos capítulos finais do Seminário denominado A Palavra na Transferência e mais precisamente A Verdade Surge do Erro, Lacan nos alerta sobre como essas diferentes possibilidades se manifestam. Ao final, ele ressalta que não estão em jogo apenas as paixões do amor e do ódio, o que no Seminário 20 ele chamará de apaixonar-se pelo ódio, mas também a ignorância como paixão.

Esta posição diante da ignorância é a que coloca o sujeito, ousamos dizer, de forma paradoxal, numa posição absurda, acreditando que ele não quer saber nada sobre aquilo mesmo que o traz à consulta. Como paciente, o “falante”, o parlemente, dá conta do que carrega consigo: a história de um Outro que ele não conhece ao mesmo tempo que a carrega. Em tom de brincadeira, diz ele sem entusiasmo, sem dizer totalmente, a Verneinung ignora o que denuncia.

Ele não quer saber nada sobre uma verdade que lhe faz perguntas no transferência: Che vuoi?

Através das paixões o sujeito se dá a ilusão de ser. O des-ser, a distância que a palavra põe em jogo irá confrontá-lo com os limites que a castração implica, o não tudo que apaga a ilusão de um sujeito indiviso. O palestrante será implantado no campo de transferência ali onde o sujeito do inconsciente tropeça, como diz Lacan, com suas fissuras e hesitações. Se as paixões se constituem em relação a um Ideal, a sua incidência surge em relação a um Outro mesmo quando a paixão se transforma sobre si mesma de uma forma narcisista. No solipsismo a pose se afasta operando como um reflexo do pensamento busca retornar ao próprio corpo que ele toma como um espelho

cativante. Será discutido lá daquilo que Lacan define claramente no Seminário 20, a masturbação como gozo do idiota: um gozo que “não serve nada”.

Definido por Lacan, gozo é aquilo que se opõe ao prazer em o sentido do “Além...” freudiano lhe permitirá mais tarde pluralizá-lo localizando suas diversas formas no nó borromeano em RSI de acordo com as interseções entre cada um dos nós. Podemos conjecturar pensando nas paixões como algo constante e levando em conta os desenvolvimentos borromeanos de Lacan com o Articulações topológicas que facilitam as diferentes modalidades de prazeres e paixões, situar relacionamentos com base no RSI entre o ódio, a ignorância e o amor com os diferentes registros. Seria então tratado em relação ao Ódio na junção entre o Real e o Imaginário, o gozo do Outro J (A). O amor entre o Simbólico e o Imaginário como gozo do sentido. Em relação à paixão por ignorância na junção do Real com o Simbólico como forma de prazer fálico J (Φ). As diversas formas de fruição operam de forma articulada no transferência, mas ouvimos a paixão pela ignorância no prática clínica principalmente em alguns adolescentes: quando questionados

Em relação ao que lhe interessa, a resposta é “eh...nada...” A questão da psicanálise opera colocando uma hesitação que permite ao sujeito emergir em sua dimensão de ignorância para que a paixão pela ignorância não ocupe um lugar de tédio existencial. Quando a busca no assunto por uma consistência satisfatória torna-se uma compulsão, repete o fracasso permanente e a irrupção de uma angústia que o domina. Em muitos casos, não é a paixão pelo amor, mas pelo gozo de um corpo que, sendo outro, apenas indica que a castração opera e impõe limites. Trata-se de desapego onde não há como sustentar uma fantasia que permita o desenrolar de alguma ilusão... queda de qualquer ideal e fracasso da função de uma Lei reguladora do gozo que deixa o sujeito à deriva. Nestes casos, mais do que uma busca, o sujeito é conduzido por um algoritmo que o orienta na captação de imagens que especulam sobre a fragilidade mental de quem precisa dos fetiches para sustentar algum gozo que os sustenta. A paixão é substituída pela emoção que tem o valor do momento e quando a paixão pela ignorância se transforma em não querer saber nada, os riscos imediatos são, como aponta Lacan no Seminário da Angústia, a passagem ao ato como saída do tédio. Para Lacan, não se trata de desprezo pela ignorância, mas de posição em que atua. Porque a ignorância ligada ao conhecimento, à conhecimento que não é o da ciência nos permite compreender a aparente contradição da afirmação de Lacan sobre “ignorância aprendida No escrito “Variantes da Cura do Tipo” Lacan propõe em relação à formação do analista um não-saber, não sem o Outro. Há o A ignorância tem o aspecto positivo de revelar o não saber, mas para isso pode ocorrer requer as ações daqueles que constituem como professores que o treinam em relação ao não-saber. Esta formação é necessária como assinala Lacan, uma vez que não é.

No texto “A direção da cura...” estabelece claramente que Se há paixões de ser é porque falta ao ser “ignorância em efeito Não deve ser entendido aqui como uma ausência de conhecimento, mas apenas como amor e ódio, como paixão de ser.” É a operação do não-ser, ligando a palavra, mas também a falta. Lacan diz em 1987 “se o Outro é o lugar da palavra, é também o lugar dessa falta.” Em suma, trata-se de permitir que o desejo do paciente se repete,

sustentado no Desejo do Analista. Esse coloca em jogo as relações peculiares do analista com o conhecimento levado ao ponto da indicação lacaniana em relação à tarefa analítico: “O que o analista deve saber, esqueça o que ele sabe.”

Horacio Manfredi